

## A Festa do Divino Espírito Santo em terreiro de culto de matriz africana e afro-brasileira

*The Divine Holy Spirit Feast in an African and Afro-Brazilian cult yard*

*La Divina Fiesta del Espíritu Santo en un patio de culto africano y afrobrasileño*

Edvaldo Costa Rodrigues

Universidade Federal do Ceará

[ecostarodrigues@yahoo.com.br](mailto:ecostarodrigues@yahoo.com.br)

<http://orcid.org/0000-0003-0312-6330>

### RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar a Festa do Divino Espírito Santo, aqui no Brasil, com sua singularidade e seu aspecto educativo quando realizada em terreiros de religião cuja matriz é africana ou sincreticamente afro-brasileira. Traz como exemplo a festa na Casa das Minas, em São Luís do Maranhão, terreiro fundado em meados do século XIX por africanas de nação Jeje, que chegaram ao Maranhão como contrabando. A composição do texto resulta de pesquisa bibliográfica e documental, tendo como fontes artigos, documentos governamentais, jornais maranhenses e sites diversos. O referencial teórico priorizou os estudos de Thompson (1992), Geertz (2008), Verger (1990), Alberti (2005), Portelli (1997), Ferretti (1996, 2012) e Prandi (2001) sobre a temática. A análise das fontes possibilitou inferir que festas do Divino realizadas em terreiros, celebram, simultaneamente, o Espírito Santo e santos católicos, além disso, se distinguem das demais festas quanto aos rituais religiosos e elementos simbólicos.

**Palavras-chave:** Casa das Minas. Educação. Festa do Divino. Religiões afro-brasileiras. Tambor de mina.

### ABSTRACT

*The purpose of this text is to present the Festa do Divino Espírito Santo (Divine Holy Spirit Festivity), here in Brazil, with its uniqueness and its educational aspect when performed in religious yards whose matrix is African or syncretically Afro-Brazilian. An example of this is the party at Casa das Minas, in São Luís do Maranhão, a terreiro (tarde) founded in the mid-19th century by African people from Jeje nation, who arrived in Maranhão brought as smuggling. The composition of the text results from bibliographic and documentary research,*

*having as sources articles, government documents, newspapers from Maranhão and various websites. The theoretical framework prioritized the studies of Thompson (1992), Geertz (2008), Verger (1990), Alberti (2005), Portelli (1997), Ferretti (1996, 2012) and Prandi (2001) about the subject. The analysis of the sources made it possible to infer that the festivities of the Divine performed in yards, simultaneously celebrate the Holy Spirit and the Catholic saints, in addition, they distinguish from other festivities in terms of religious rituals and symbolic elements.*

**Keywords:** *Afro-brazilian religions. Education. Feast of the Divine. House of Mines. Mine drum.*

## RESUMEN

*El propósito de este texto es presentar la Festa do Divino Espírito Santo, aquí en Brasil, con su singularidad y su aspecto educativo cuando se realiza en terrazas religiosas cuya matriz es africana o afro-brasileña sincréticamente. Un ejemplo de esto es la fiesta en Casa das Minas, en São Luís do Maranhão, un terreiro fundado a mediados del siglo XIX por africanos de la nación Jeje, que llegaron a Maranhão como contrabando. La composición del texto resulta de la investigación bibliográfica y documental, teniendo como fuentes artículos, documentos gubernamentales, periódicos de Maranhão y varios sitios web. El marco teórico priorizó los estudios de Thompson (1992), Geertz (2008), Verger (1990), Alberti (2005), Portelli (1997), Ferretti (1996, 2012) y Prandi (2001) sobre el tema. El análisis de las fuentes permitió inferir que los festivales de lo Divino celebrados en terreiros, simultáneamente celebran el Espíritu Santo y los santos católicos, además de distinguirse de otros festivales en términos de rituales religiosos y elementos simbólicos.*

**Palabras clave:** *Casa de las minas. Educación. Fiesta de lo Divino. Religiones afrobrasileña. Tambor mio.*

## Introdução

A Festa do Divino Espírito Santo é, dentre outras coisas, uma manifestação religiosa e popular que tem origem em Portugal do século XIV, sendo que o culto ao Divino surge bem antes desse século. No Brasil, a festa surgiu por volta dos séculos XVIII e XIX, trazida pelos portugueses, sobretudo os do Arquipélago dos Açores. Embora, na maioria dos lugares brasileiros, não esteja inserida no calendário oficial da igreja católica, configura-se, como uma das devoções mais antigas do catolicismo popular que homenageia a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade: o Espírito Santo, que é “[...] o obreiro da fraternidade, comunhão e partilha” (VIEIRA, 2016, p. 5). Nessa manifestação comungam o sagrado e o profano, a tradição e a modernidade, a riqueza e a simplicidade, a diversidade e a singularidade.

O lado sagrado da festa caracteriza-se pelas missas, procissões e novenas em louvor ao Divino. E o profano, pelas celebrações ao Império do Divino com toda sorte de

folias e representações culturais. Grande parte das festas acontece entre os meses de maio e junho, após o Domingo de Pentecostes, que segundo o calendário litúrgico da igreja católica corresponde aos cinquenta dias após a Páscoa. As festas que são realizadas em outros meses do ano, geralmente são as que acontecem em terreiros de religião de matrizes africanas e afro-brasileiras, onde o Divino é celebrado em culto a uma divindade, o que muitas vezes coincide com o mês dedicado aos santos católicos. Em linhas gerais, são festas que não celebram exclusivamente o Espírito Santo, tampouco convergem apenas para o domingo de Pentecostes (LEAL, 2019).

Aqui no Brasil, em cada região, há pelo menos uma, duas ou três cidades que celebram a festa do Divino e até a incluem no seu calendário oficial. Tornou-se uma festa tão importante, do ponto de vista religioso e cultural que algumas já foram reconhecidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio imaterial cultural brasileiro, como é o caso de Pirenópolis – Goiás e Paraty – Rio de Janeiro. Após passar por avaliação e aprovação do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN, essas duas festas foram registradas no Livro do Tombo desse Instituto.

Embora preservando raízes da festa do Divino de Portugal, as festas brasileiras apresentam certas singularidades, principalmente quanto aos elementos regionais e de outras culturas que vão sendo incorporados à festa tradicional portuguesa. A exemplo, a procissão fluvial e o ritual da oração nas águas no Vale do Guaporé – Rondônia; a Dança do Marrapaiá em Paraty – Rio de Janeiro; as Cavalhadas em Pirenópolis – Goiás; e as Caixeiros do Divino em Alcântara – Maranhão.

Além do lado sagrado e profano, as festas do divino também têm seu lado educativo, pois tudo funciona seguindo a um planejamento que obedece a uma tradição que é transmitida por gerações. Os conhecimentos construídos, ao longo do tempo, são transmitidos pela tradição oral. As pessoas vão aprendendo sobre a história do Brasil e de Portugal por meio de histórias, comportamentos e hábitos dessas duas culturas. De certo, que muitas coisas vão se reconfigurando e se cristalizando, afinal os tempos mudam, mas a tradição permanece.

Nesse sentido, este texto apresenta a festa do Divino Espírito Santo, sua singularidade e seu aspecto educativo no contexto de terreiros de culto a religiões de matrizes africanas que, aqui no Brasil, sincreticamente denominam-se afro-brasileiras. Tomamos como investigação a festa do Divino que acontece na Casa das Minas, terreiro de tambor de Mina que é a religião afro-maranhense, o que não se confunde com o candomblé

– religião de matriz africana na Bahia. A Casa das Minas cultua entidades africanas jeje (fon). Foi fundada em São Luís do Maranhão, em 1840, por escravas africanas que chegaram em terras maranhenses contrabandeadas nos navios Tumbeiros com procedência de Daomé, atual República de Benin. Para fundamentarmos o texto, buscamos entre outros, os estudos do antropólogo Sérgio Figueiredo Ferretti, pesquisador que tornou-se referência no estudo das religiões de matrizes africanas e elegeu o Maranhão como residência e seu campo de estudo etnográfico.

## Caminho metodológico da pesquisa

Optamos por uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental, tendo em vista a natureza das fontes e os procedimentos técnicos de coleta de dados, seguindo as orientações de Gil (2002). “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50).

A pesquisa documental foi conduzida por meio das seguintes etapas: obtenção do material por meio de inventário de fontes, tratamento dos dados e redação do texto. Utilizamos fontes (imagens, impressões) extraídas de sites como o da Biblioteca Nacional, Biblioteca Digital Luso-brasileira, Brasileira Iconográfica, Museu Afro Digital, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e Casa das Minas. O jornal maranhense *Pacotilha*, datado do ano de 1887, contribuiu para reconstruir a história da Casa das Minas.

Na fundamentação teórica, priorizamos as discussões do sociólogo escocês Paul Thompson sobre o passado e a história oral, do antropólogo estadunidense Clifford Geertz sobre cultura, do etnólogo franco-brasileiro Pierre Verger acerca da origem da Casa das Minas, da historiadora Verena Alberti sobre a história e suas fontes, do italiano e professor de literatura Alessandro Portelli sobre história oral, do antropólogo brasileiro Sérgio Ferretti sobre a Casa das Minas e as religiões de matriz africana no Maranhão e do sociólogo brasileiro Reginaldo Prandi sobre o candomblé.



Ao longo da pesquisa procuramos responder ao seguinte problema: em que medida a escola pode utilizar a festa do divino como um elemento cultural e educativo, considerando as diversas religiões dos estudantes?

## **Festa do Divino Espírito Santo: conceitos e breve histórico**

De acordo com Ferretti (2005, p. 9), “A festa do Divino Espírito Santo é um ritual do Catolicismo que, como o carnaval, o bumba-meu-boi e outras festas populares, possui características específicas em diferentes regiões”. Há pelo menos duas versões quanto à origem dessa festa. A primeira é que a festa tenha surgido no século XIV, na Vila de Alenquer – Portugal, durante as celebrações pela construção de uma igreja em homenagem ao Divino Espírito Santo, promovidas pela rainha Isabel (1271-1336), a infanta de Aragão (CASCUDO, 1999). “Para a inauguração dessa Igreja, toda a corte foi convidada e as ruas se enfeitaram para receber o cortejo real” (CNBB, 2017, p. 1). Aos poucos, a festa foi se difundindo pelas regiões de Portugal, principalmente no Arquipélago dos Açores. E nos lugares onde a corte imperial não podia se fazer presente às celebrações, os devotos se fantasiavam de membros da corte como uma forma de representarem a realeza para a população.

A segunda versão é que a festa surgiu a partir da expansão do culto ao Espírito Santo pela Europa, no século XIII, tendo como principal propagador o abade italiano Joaquim de Fiori. Esse religioso profetizou e difundiu que numa última idade do mundo o Espírito Santo pela paz, fraternidade e amor de todos os homens governaria o mundo. Para o abade, o tempo de Deus Pai e de Deus Filho já havia passado, chegando então o tempo do Espírito Santo (IPHAN, 2010).

Aqui no Brasil, a festa começou entre os séculos XVIII e XIX. Vieira (2016, p. 16-17) destaca que a devoção ao Divino aconteceu por todo o Brasil, “assim como as manifestações de caráter religioso e profano, tendo como origem os diversos colonos e, depois, emigrantes oriundos do continente português e das ilhas”. Era corriqueiro, por exemplo, ver no Rio de Janeiro, o “[...] Imperador do Divino, criança ou adulto, escolhido para presidir a festa e que gozava de direitos majestáticos, liberando presos comuns em certas localidades [...]” (CASCUDO, 1999, p. 356). Atualmente as festas ocorrem após o domingo de Páscoa, do mês de maio em diante, tendo início e término diferenciados em cada região do país. A esse respeito, Del Priore (2000, p. 13-14) destaca que

As festas do 'Divino', propositadamente comemoradas em maio, tentavam desde D. João I, em 1385, evitar o paganismo das 'Maias', cantadas e dançadas pelas ruas. Instituíram-se, então, procissões obrigatórias por meio de um acórdão da Câmara de Lisboa, aos quais não foram suficientes para evitar os 'inveterados ritos gentílicos'.



**Figura 1** – Quête nommée la folie de l'empereur de St. Esprit, 1839

**Fonte:** Brasiliana Iconográfica, 2019<sup>1</sup>.

Essa Figura 1, é do artista francês Jean-Baptiste Debret, que no século XIX, editou a obra *Voyage pittoresque au Brésil*, Tome Troisième. As comemorações do Divino eram tão importantes “[...] que aconteciam até mesmo dentro das naus portuguesas em viagens para a África, Índia e Brasil” (IPHAN, 2010, p. 20). E ao se difundir pelo nosso país ganharam inúmeras versões regionais. Na *Planche 29*, da obra de Debret, encontra-se um texto que fala sobre as festividades do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro, intitulado *Quête nommée la Folie de l'empereur de Saint-Esprit*, o qual descreve o seguinte:

L'on appelle à Rio-Janeiro la Folie de l'empereur du Saint-Esprit une troupe de jeunes garçons, joueurs de guitare, de tambour de basque, de triangle, précédés d'un tambour; joyeuse escorte d'un porteur-drapeau, dont le chapeau, plus richement décoré de fleurs et de rubans, rappelle le costume un peu plus simple [...]. (DEBRET, 1839, p. 184).

Esse trecho de Debret pode ter a seguinte interpretação:

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20192/a-festa-do-divino-espírito-santo>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

Chama-se, no Rio de Janeiro, Folia do Imperador do Espírito Santo uma tropa de jovens meninos, tocadores de violão, de tambor, de pandeiros, de triângulo, precedidos de um tambor. O grupo alegre acompanha um porta-bandeira, cujo chapéu, ricamente enfeitado de penas e de fitas, lembra os da tropa de músicos, também com fitas, embora mais simples [...].

Abaixo temos uma ilustração na obra de Debret sobre o cortejo do Divino nas ruas do Rio de Janeiro, onde o menino imperador, normalmente filho de alguma família abastada, aparece com sua corte percorrendo as ruas da cidade e recolhendo doações para a festa.

Nos dias de hoje, a organização da festa efetiva-se em duas partes: uma dedicada ao Divino e outra ao Império do Divino. As atividades se distribuem em: coroação dos imperadores, homenagens ao Divino incluindo rituais religiosos e profanos; e distribuição de alimentos. Destacamos que em alguns lugares o Império é ocupado por adultos e em outros por crianças e adolescentes representando os adultos escolhidos como patronos da festa (SANTOS, 1990).

O Espírito Santo é usualmente representado – em conjunto com um pombo de madeira e com a bandeira do Espírito Santo – por uma coroa em latão (ou, mais raramente, em prata), encimada por uma pomba e acompanhada de um cetro. Esses símbolos são instalados na tribuna, um altar ricamente decorado no qual se centra parte importante dos festejos. Como em muitos outros festejos populares brasileiros, a festa do Divino surge ainda associada a um mastro, um tronco de árvore decorado, geralmente encimado por uma pequena bandeira, que, além de assinalar o lugar e o tempo da festa, simboliza também o Espírito Santo (LEAL, 2019, p. 435).

De um ano para o outro “[...] são escolhidos os membros dos impérios como um casal de imperadores, de mordomo régio, mordomo mor, os padrinhos do mastro e outros colaboradores” (FERRETTI, 2005, p. 3). Segundo esse mesmo autor, as vestimentas e suas cores são escolhidas com um semestre de antecedência antes do início da festa. A imperatriz, por exemplo, pode possuir duas Aias, um Vassalo e um Mestre-sala, além dos próprios músicos de sopro. Os Mordomos, por sua vez, possuem Mestre-sala e também músicos.





**Figura 2** – Cortejo do Divino, Florianópolis, SC

**Fonte:** Folha Norte, 2019<sup>2</sup>.

“O imperador é o principal responsável pela preparação e pela realização dos festejos. Tradicionalmente, é ele quem arca com a maioria das despesas da festa” (IPHAN, 2017, p. 37), porém a imperatriz também pode assumir esse papel, pois na festa é comum ocorrer essa alternância. “De seu prestígio basta lembrar que o título de Imperador do Brasil foi escolhido em 1822, pelo Ministro José Bonifácio de Andrada e Silva”, isso porque “[...] o povo estava mais habituado com o nome de Imperador (do Divino) do que com o nome de Rei” (CASCUDO, 1999, p. 356).

Normalmente, o início da festa é marcado pela procura e derrubamento de uma árvore na mata para ser o mastro da bandeira, o qual simboliza o vínculo do Espírito Santo com o mundo terreno. Esse ritual objetiva demonstrar que quando o Espírito Santo veio ao mundo assumiu a forma de uma pomba que pousou numa *oliveira*, árvore que é representada pelo mastro.



**Figura 3** – Cortejo do Mastro em Alcântara, MA

**Fonte:** Ana Paula Ramos/Jornal O Imparcial, 2018<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://folhanorte.com.br/2016/05/11/comunidades-da-ilha-anunciam-inicio-das-festas-do-divino/>>. Acesso em: 12 set. 2019.



O transporte do mastro até o local em que será fixado, ocorre após a abertura da tribuna. É uma atividade muito concorrida e que contagia a população. Em Alcântara-MA, “Uma vez levantado o mastro, realizam-se, nos dias subsequentes, alvoradas junto à tribuna, no decurso das quais as caixeiras homenageiam o Espírito Santo e outras entidades católicas” (LEAL, 2019, p. 435). As festas do Divino com seu Império, embora com algumas características bem comuns, diferenciam-se em rituais religiosos e populares, símbolos, vestimentas e ornamentos de acordo com a religião e a tradição do lugar.

Nas festas mais tradicionais, o figurino dos integrantes, por exemplo, procura reproduzir as roupas de época da corte portuguesa (SANTOS, 1990). Por meio de práticas educativas da tradição oral, as crianças e adolescentes vão aprendendo a comportar-se de acordo com a posição que ocupam na corte. Um dos momentos marcantes da festa ocorre quando a corte do Império do Divino dirige-se juntamente com os devotos e simpatizantes até a igreja para serem abençoados pela autoridade religiosa. Para Hertz (1980, p. 104) esses rituais “[...] são como que impregnados com uma essência especial que os consagra, os separa e lhes outorga poderes extraordinários, sujeitando-os a uma série de regras e estritas restrições (HERTZ, 1980, p. 104).



**Figura 4** – As Caixeiras do Divino em Alcântara, MA  
**Fonte:** Jornal Maranhão da Gente, 2019<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2018/05/14/festa-do-divino-tem-vasta-programacao/>>. Acesso em: 12 set. 2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.maranhaodagente.com.br/2018/05/08/tudo-pronto-para-a-tradicional-festa-do-divino-em-alcantara/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

Na imagem acima vemos as caixeiros do Divino conduzindo o cortejo até a igreja da cidade, o que caracteriza uma das singularidades da festa no Maranhão. As caixeiros ocupam lugar de destaque na festa cantando, dançando, abrindo e fechando os trabalhos. Em alguns festejos, homens também já integram o grupo de caixeiros, o que contribui para quebrar certos tabus. A culinária constitui outra particularidade das festas, sendo que os doces ocupam lugar de destaque. No Brasil, temos o doce de Espécie em Alcântara e o doce Roseta em Santa Catarina. Em Portugal, “De todos, o mais afamado e reconhecido historicamente é o ALFENIM, uma massa de açúcar branco apresentado em figurinhas, que, no passado, era oferecido em bandejas de prata” (VIEIRA, 2016, p. 20).

## A Casa das Minas

A Casa das Minas fica localizada em São Luís do Maranhão, ocupando uma área de 1.500 m<sup>2</sup> na rua de São Pantaleão, centro da cidade. É um dos terreiros de tambor de Mina mais antigo do Maranhão. Tambor de Mina é “o nome principal das religiões afro-maranhenses” (FERRETTI, 2007, p. 111). “Mina ou Minas é termo que se refere aos escravizados vindos da região da antiga Costa do Ouro (atual Gana e mais amplamente toda a região do golfo de Benim na África Ocidental)” (CAVALCANTI, 2019, p. 389). A “Casa de mina, ou tambor de mina é a designação popular, no Maranhão, para o local e para o culto de origem africana que em outras regiões do país recebe denominações como candomblé, xangô, batuque, macumba, etc.” (FERRETTI, 1996, p. 11).



**Figura 5** – Primeira Casa das Minas, São Luís - MA  
**Fonte:** Biblioteca Digital Luso-brasileira, 2019<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Disponível em:  
<[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss980852/mss980852.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss980852/mss980852.jpg)>.  
Acesso em: 08 set. 2019.

A Casa das Minas foi denominada em língua jeje de *Querebentã de Zomadônu* pelas suas fundadoras que eram escravizadas africanas da costa Ocidental, originárias de Daomé, atual República de Benin e que chegaram ao Maranhão em meados do século XIX, contrabandeadas em navios tumbeiros, já que o tráfico negreiro havia sido proibido. É o único terreiro das Américas fundado por uma sacerdotisa africana cujo objetivo foi servir de espaço para o culto aos voduns da família real Daomé que, por sua vez, “[...] são agrupados em quatro famílias principais: a família Davisse do vodun Zomadonu, a família Davisse do vodun Toi Dadarro, a família Odan do vodun Dambirá, a família de Quavioçô, que tem como hóspedes voduns das famílias de Savalunu e Aladanu” (CASA DAS MINAS, 2020, p. 1).

Pereira (1947, p. 18-19) ressalta que “A Casa é das Minas, sim, de uma sociedade africana transplantada para o Brasil, mas o patrimônio que ela representa está confiado a uma verdadeira Mãe: autoritária, quando é mister; boníssima, sempre”. A sociedade a que o autor se refere é de caráter secreto, como a maçonaria por exemplo. Na Casa das Minas, suas dirigentes pouco falavam sobre quaisquer assuntos ligados aos rituais. Tudo o que se sabe sobre a fundação da casa vem da tradição oral. O que para Alberti (2005, p. 167) é algo que tem sua validade, pois “A memória é essencial a um grupo porque está atrelada a construção de sua identidade”.

Ferretti (2012, p. 3), valendo-se de narrativas das dirigentes dessa sociedade, destaca que a “[...] Casa das Minas foi fundada na década de 1840 por Maria Jesuína, devota de *toi Zomadonu*, que organizou o culto dos voduns daomenianos no Maranhão”, constituindo um terreiro que “teve diversas dirigentes e em inícios do século XX foi governada por cerca de 40 anos por Mãe Andresa”, que faleceu em 1954, aos 100 anos. A partir de então não houve mais iniciações para entrada de novas *vodunsis*, nome dado as integrantes do terreiro.

Em 2002, a Casa das Minas foi tombada pelo IPHAN e tornou-se o nono terreiro de culto afro-brasileiro escrito no Livro do Tombo desse órgão federal que é vinculado ao Ministério do Turismo e responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. A principal diferença entre a Casa das Minas e outros terreiros reside no fato de que ela não possui casas filiais e “Cultua apenas voduns mina procedentes do antigo Reino do Daomé, louvados com cânticos em língua jeje (Ewê-Fon)” (MUSEU AFRODITAL, 2019, p. 1). Sua organização é matriarcal, ou seja, administrada por mulheres. O escritor Montello (1978, p. 199), na obra *Os tambores de São Luís*, descreveu essa Casa da seguinte maneira:



No rodar do tempo, a casa não mudou. O que era ontem, na época do cativeiro, continua a ser hoje, na época da liberdade - com o mesmo corredor comprido, as mesmas salas e quartos, o mesmo santuário, e o mesmo terreiro de chão batido, que se pontilha de velas votivas durante a noite, e a que dão sombra, durante o dia, os ramos torcidos de uma cajazeira sagrada. Entra-se ali pela porta da Rua de São Pantaleão. E o que logo se vê, ao chegar à varanda, depois de atravessar o corredor atijolado, são os tambores rituais, de pé, em número de três, ocupando o fundo à esquerda e compondo a base de um triângulo, cujo vértice é o encontro das paredes. Um longo banco de madeira sem recosto acompanha a parede que olha o quintal. Entretanto, ao sentar ali, o que o visitante descortina são os ramos da cajazeira, porque um muro se alteia, de pouco mais de metro e meio, na divisória da varanda. Mas esse mesmo muro se abre, mais adiante, para dar passagem ao terreiro, permitindo olhar de perto a velha árvore, toda vestida de folhas miúdas, de um verde queimado, muito escuro, e que a luz do sol tropical custa amarelecer.

A cajazeira sagrada descrita pelo autor é uma árvore utilizada pelas vodunsis nos rituais religiosos. Essa árvore representa uma espécie de altar sagrado, como acontece com outras árvores na África. Sobre essa Casa, Pereira (1947, p. 23) destaca que “se o tipo da Casa, na sua arquitetura, é colonial portuguesa, a sua alma é lidimamente africana, como a de Mãe Andresa Maria”. É oportuno ressaltarmos que na Casa das Minas só as mulheres podem entrar em transe, já que só elas recebem os voduns e chefiam os rituais. Os homens participam apenas como tocadores de instrumentos, a exemplo o Atabaque (PEREIRA, 1979).



**Figura 6** – Fachada atual da Casa das Minas, São Luís - MA  
**Fonte:** Blog Maranhão no congresso religiosidade, 2019<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://maranhaonocongressosreligiosidade.blogspot.com/p/casa-das-minas.html>>. Acesso em: 12 fev. 2020.



Na Casa das Minas não existem quadros ou imagens, pois para as dirigentes eles não têm vida e a obrigação é para com os voduns que são entidades ocultas. O que também pode ser explicado pelo fato de que “Ali, há mais de um século, alguns Negros Minas se constituíram em sociedade genuinamente africana, com as suas leis, os seus deuses, os seus costumes e as suas tradições” (PEREIRA, 1947, p. 19). Assim como em outros terreiros, a Casa possui um calendário que cultiva rituais religiosos e manifestações da cultura popular que acontecem ao longo de todo o ano e é dedicada aos voduns. A Casa foi se firmando como espaço de religião africana no Maranhão desde sua fundação, como mostra o anúncio publicado no Jornal Pacotilha, edição nº 150, de 22 de junho de 1887:

Pede-se a pessoa que levou por brincadeira ou má intenção a imagem do Menino Deus, da Casa das Minas, que se achava no altar ali armado, queira fazer o obséquo de ir entregá-lo na referida casa, pois viu-se perfeitamente a pessoa que tirou-a, e não se lhe disse nada para não envergonhá-lo, e não dizer-se – enfim e festa de pretos – o que não nos doía a cabeça. Se não for entregá-lo passará pela decepção de ver o seu nome por extenso neste jornal. *Quem me avisa meu amigo é* (JORNAL PACOTILHA, 1887, p. 3).

O fotógrafo, etnógrafo e historiador francês Pierre Verger ao realizar estudos sobre o lugar dos orixás e voduns (nagô e gegês) que são cultuados no Brasil visitou estados como a Bahia e o Maranhão, além do país africano Benin – onde antes era o Daomé. Tudo começou quando foi ao Daomé em 1936, onde conheceu os museus instalados nos palácios em que residiram os reis daomenianos “que mandaram nessa terra entre 1625 e 1900” (VERGER, 1990, p. 151). Por volta de 1948, esse etnógrafo esteve em São Luís e teve a oportunidade de conversar com mãe Andresa, uma princesa pertencente a linhagem Fon. A partir dessa conversa e de investigações anteriores concluiu que a África está presente em quase todas as dimensões da sociedade brasileira, expressa na religião, na música, nos hábitos, na dança, na culinária, na língua, entre outras, representando símbolo de fortalecimento e coesão social. Aliás,

O papel do negro escravo foi decisivo para os começos da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia (NASCIMENTO, 1978, p. 49).

No caso do Maranhão, os negros chegaram no final do século XVII para trabalhar como escravos nas lavouras, principalmente de algodão e cana-de-açúcar (CHAMBOULEYRON, 2006). Quanto a Casa das Minas, Verger (1990, p. 151-152) esclarece que ela “[...] foi fundada em São Luís do Maranhão, no Brasil, pela rainha Nã Agontimé, mãe do rei Guezo, condenada à deportação num acerto de contas no seio da família real, antes que seu filho ascendesse ao trono do Daomé em 1818”.

Reis, príncipes e princesas, constituem os voduns da família real que baixam na Casa das Minas. Os voduns são entidades espirituais africanas “que tomam conta das coisas da natureza, das águas, dos ventos, das plantas, das doenças” (FERRETTI, 1996). Essas entidades são encarregadas da mediação entre os homens e o espiritual. Alguns voduns se sincretizam com santos católicos, como por exemplo *Averequete* que adora São Benedito. Via de regras, as vodunsis não podiam abrir seus próprios terreiros.

Essa aproximação com os santos católicos foi ocasionada devido ao fato de que os negros mantinha oratórios “para despistar os oficiantes - receosos de perseguições e castigos da parte dos senhores de escravos [...] no íntimo apreciavam [...] só os voduns da África” (PEREIRA, 1979, p. 33). Na Casa existem eventos que são fechados (rituais), mas outros abertos ao público, como é o caso da festa que acontece no dia de São Sebastião, celebrado em 20 de janeiro. As festas iniciam-se com uma ladainha católica seguida com toques de tambores, danças e cânticos oferecidos aos ancestrais da Costa de Mina.

A vestimenta usada durante os rituais é bem requintada. Normalmente as vodunsis apareciam usando indumentárias feitas com renda e em duas cores, pano da costa africano, manta de miçangas, bonecas, entre outros ornamentos. Essa composição é semelhante em todos os rituais e em algumas festas. Os cabelos das vodunsis não são tingidos e envelhecem com o tempo. Nesse sentido, Geertz (2008, p. 67) destaca que esses “símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro”.



**Figura 7** – Dança ritual de despedida dos voduns

**Fonte:** Museu Afro Digital, 2019<sup>7</sup>.

Na Casa das Minas, diferentemente das outras casas de tambor de mina, não baixam caboclos, só voduns jejes. Na casa são conhecidos e cultuados mais de cinquenta voduns e de cerca de 15 tobossis ou entidades femininas infantis. Os voduns se agrupam em famílias, sendo 3 principais e 2 secundárias, que são hóspedes. (FERRETTI, 2000, p. 2).

As tobossis eram entidades femininas infantis que frequentavam a Casa das Minas, este terreiro que ainda representa um marco de resistência da cultura negra no Brasil e no Maranhão, contribuindo para desmarginalizar a visão sobre o negro, sua cultura e religião. Apesar de não ter casas derivadas, influenciou o tambor de Mina nos terreiros do Maranhão. Uma característica marcante no tambor de Mina é o transe, que as vezes não é tão perceptível. Por ser uma sociedade secreta, já foi considerada como a maçonaria dos negros (VERGER, 1987).

Assim como em qualquer sociedade, há certas regras a serem cumpridas, uma delas é não permitir que mulheres vindas de outros terreiros ingressem como vodunsis. Os conhecimentos como os cânticos eram transmitidos de forma oral, em língua jeje, não podendo serem gravados, pois é uma forma de preservar segredos e não serem apropriados por outros terreiros.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.museuafro.ufma.br/site/wp-content/gallery/casa-das-mina-ii/Dan%C3%A7a-ritual-de-despedida-dos-Voduns-1985.jpg>>. Acesso em: 07 set. 2019.

Dentre os rituais que acontecem na Casa destacam-se a distribuição de frutas do Arrambã que ocorre na quarta-feira de cinzas e a distribuição de obrigações durante a festa de Acóssi que acontece no dia de São Sebastião. Em 2015, morreu a Toi Lepón da família de Dambirá, dona Deni Prata Jardim, aos 89 anos, a nona e última matriarca da casa. Apesar disso, a Casa continua aberta, embora a tradição esteja comprometida já que a condução dos rituais ocorria sob a hierarquia de parentesco.

## A Festa do Divino na Casa das Minas

A Festa do Divino na Casa das Minas é oferecida ao vodum *Nochê Sepazim*, uma princesa da família real do Daomé. É uma espécie de obrigação religiosa a essa entidade, ao mesmo tempo em que faz parte de uma multiplicidade de atividades empregadas no culto aos deuses africanos. Atividades como essa, “adaptaram-se ao calendário festivo do catolicismo por força do sincretismo que, até bem pouco tempo, era praticamente compulsório, mas o que a festa do terreiro enfatiza é o mito africano, do orixá, e não o do santo católico” (PRANDI, 2001, p. 47). Para Ferretti (2007, p. 106) “Todas as religiões são sincréticas, são frutos de contatos culturais múltiplos, mas todas se julgam puras, perfeitas e não se querem misturadas com outras que seriam impuras”. Nesse sentido, Leal (2014, p. 108-109) pontua que

Nos terreiros de Tambor de Mina, as festas distribuem-se por dois grupos principais: a) festas cuja referência católica é exclusivamente o Espírito Santo – a maioria das festas que têm lugar no Pentecostes – e b) festas cuja referência católica é simultaneamente o Espírito Santo e uma santa (ou santo, ou invocação de Nossa Senhora) – celebradas maioritariamente ao longo do restante ciclo anual.

A festa do Divino no Maranhão é um evento tão importante que além da que acontece na Casa das Minas, todas as demais estão incluídas “no calendário religioso de terreiros de tambor de mina, como são denominadas as casas de culto afro-maranhenses” (FERRETTI, 2005, p. 9). Além da corte do império, as caixeiras também são outras figuras de destaque na Festa, principalmente porque são responsáveis pela comunicação entre o terreno e o divino. Elas entoam cânticos, repetidos de cor ou improvisados, dançam e tocam a caixa, função que normalmente permanece ao longo da vida.



As caixeiras, “[...] sempre a rufiar suas caixas, e as Bandeiras, zigzagueando os galhardetes, às quatro da madrugada, entoam a *alvorada* em redor do mastro, num lirismo que bem lembra as modinhas portuguesas” (SANTOS, 1990, p. 193). As caixas constituem seus principais instrumentos musicais, são tambores feitos de madeira e cobertos com peles de animais. Os toques são precisos e sincronizados, uma tradição que é ensinada às novas gerações. Quanto aos devotos, estes empreendem “combinações diversas do fato para compor um mito de origem, que explica e dá legitimidade, segundo a versão local, à devoção e ao culto ao Espírito Santo” (IPHAN, 2010, p. 21).

Na Casa das Minas, algumas vezes canta-se na abertura da tribuna o “bendito do Espírito Santo”, um hino longo e solene que narra a estória de Cristo do nascimento até a descida de Pentecostes, enfatizando a vinda do Espírito Santo. No encerramento da festa, canta-se outro cântico; o bendito de hortelã, que narra novamente a vida de Cristo do nascimento até a morte e ressurreição, enfatizando a sua despedida. Dona Celeste nos afirma que em cada um desses benditos são obrigatórios oito cânticos principais (FERRETTI, 1999, p. 7-8).



**Figura 8** – Tribuna do Divino  
**Fonte:** Museu Afro Digital, 2019<sup>8</sup>.

“A abertura da tribuna é um ritual quase privado do qual participam poucas pessoas, como os membros do império e seus familiares, as caixeiras e algumas pessoas do terreiro” (FERRETTI, 1999, p. 7). Pela oralidade, as crianças, como membros do Império, aprendem os costumes da corte portuguesa a fim de representarem os personagens imperiais na tribuna. A esse respeito, Portelli (1997, p. 32) destaca que “[...] não há falsas

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://www.cultura.ma.gov.br/ccocf/index.php?page=foto\\_estendida&id=21](http://www.cultura.ma.gov.br/ccocf/index.php?page=foto_estendida&id=21)>. Acesso em: 10 set. 2019.

fontes orais. Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual com todos os critérios estabelecidos do criticismo filosófico e verificação factual”.

As caixeiras são as responsáveis pela abertura da tribuna. Além dessa responsabilidade, se ocupam também em: propagarem “[...] os ensinamentos de toques de caixas para as próximas gerações, além de realizar o ritual sagrado da Festa do Divino Espírito Santo sob a forma de obrigação espiritual” (ROCHA, 2019, p. 7). Ao todo, executam pelo menos nove toques diferentes:

(1) Toque do Espírito Santo Dobrado; (2) Toque do Espírito Santo Singelo; (3) Toque de Senhora Santana; (4) Toque do levantamento e da derrubada do mastro (de Nossa Senhora da Guia); (5) Toque do hino da Missa; (6) Toque da Alvorada, que continua com o da Alvoradinha; (7) Toque da dança das caixeiras; (8) Toques de rezas e de ladainha nas caixas; (9) Toque do fechamento da tribuna, com o Bendito de Hortelã (FERRETTI, 2007, p. 114-115).

Música, dança, canto, história, tudo é ensinado pela oralidade. As rezadeiras, aprendem a cantar em latim sem nunca terem frequentado aulas de canto ou curso de línguas ou até mesmo terem contato com profissionais dessas áreas. Apesar de não terem tanta proficiência quanto quem tem a oportunidade de uma aprendizagem formal, não deixam a desejar. Thompson (1992, p. 22), contribui para esse entendimento, destacando que

[...] A história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior e na produção da história- seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Durante a festa é comum acontecer uma brincadeira em que “caixeiras e império passam horas recolhendo, em casas da vizinhança, símbolos da festa como cetro, coroa, bandeira e outros, que nela foram escondidos previamente” e “A casa que ‘roubou’ deve pagar uma prenda, que consiste, geralmente, em bebidas e refrigerantes” (FERRETTI, 1999, p. 9). Outro atrativo são as mesas de doces montadas pelos Impérios e que ficam em exposição sendo admiradas pelas pessoas por dois ou três dias até que os responsáveis distribuam as guloseimas às pessoas que forem prestigiar a festa.

Ressaltamos que, além do aspecto religioso, a festa do Divino tem um princípio educativo, afinal as pessoas compartilham saberes por meio da tradição oral e constroem conhecimento de forma compartilhada. Quem participa da festa como integrante, aprende sobre a história do Brasil e de Portugal, aprende a tocar instrumentos como a caixa, além de desenvolver valores como a solidariedade e o respeito mútuo. Nesse sentido, a escola pode se apropriar das potencialidades dessa festa, tendo em vista que é uma manifestação religiosa e cultural que faz parte da própria história do Brasil. Desde 2003, a Lei nº 10.639, prevê que o ensino de História e cultura africana e afro-brasileira seja inserido no currículo escolar e nas práticas pedagógicas, independentemente das religiões de cada estudante.

## Considerações Finais

Apesar de tantos conceitos sobre a festa do Divino Espírito Santo foi possível consensuar que se trata de uma manifestação religiosa e cultural que veio de Portugal para o Brasil e aqui foi sendo adaptada de acordo com a religião e a cultura local, conservando os símbolos principais e a estrutura básica da celebração portuguesa. Por isso, é tão comum vermos a distribuição de comidas geralmente carnes e doces. A festa do Divino brasileira também conta com a influência africana e indígena, marcadamente pelos ritos, encenações e folguedos, a exemplo do que acontece no Vale do Guaporé - Rondônia, um lugar do Brasil que reúne comunidades ribeirinha, quilombola, indígena e boliviana.

Ao longo do texto, percebemos que grande parte da igreja católica brasileira concebe a festa do Divino como de caráter não sagrado, ou seja, apenas da religiosidade popular. Fato dissonante, tendo em vista que existem festas em localidades como Mogi das Cruzes, no estado de São Paulo, e em Itajaí, Santa Catarina, em que a festa assume um *status* mais religioso, ou seja, a igreja admite realmente essa festa, realizando a cerimônia de início e encerramento, onde a corte do Império do Divino toma assento nos tronos dentro da própria igreja como acontecia no passado. Em outros lugares, a igreja apenas recebe o Império do Divino e concede a benção por meio da missa.

No que tange, especificamente, à festa do Divino na Casa das Minas, ressaltamos que, embora vinculada ao catolicismo popular, ela se diferencia das festas católicas especialmente porque faz parte do culto dedicado a entidades religiosas de matriz africana, chamadas de voduns. Outra singularidade da festa, e que reside em todo o

Maranhão, é a presença das caixeiros e a inclusão da festa no calendário religioso dos terreiros de Tambor de Mina maranhenses. A singularidade existente nos eventos da Casa das Minas deixa evidente a existência de práticas religiosas afro-brasileiras que são distintas das festas e do folclore devido ao ritual religioso.

É oportuno destacarmos que o culto de matriz africana encontrou terreno fértil no Brasil, embora os africanos aqui se fixaram não por vontade própria, mas como resultado principalmente do tráfico de africanos escravizados e das lutas internas no país de origem. De certo que o Brasil era um ponto estratégico para o comércio de escravizados, sobretudo porque as frotas que vinham do Oriente faziam escala no litoral brasileiro para abastecerem os navios ou fazerem alguns reparos necessários.

Além da festa do Divino, a Casa das Minas também realiza outras manifestações religiosas e culturais. O que contribui para desmontar velhas concepções sobre as atividades religiosas nos terreiros que, no passado, os negros escravizados se viam obrigados a cultuar entidades africanas disfarçadas em santos católicos. Hoje, inferimos que, os calendários festivos dos terreiros, apenas coincidem com as festas dos santos católicos.

Quanto ao aspecto educativo da festa, este é caracterizado pela aprendizagem não formal, pois os conhecimentos são transmitidos pela tradição oral e pelas práticas culturais. A tradição oral é algo tão imbrincado na cultura local que tudo o que as pessoas sabem e representam vêm das narrativas dos mais velhos e vai se secularizando com a participação dos mais jovens. Arte, história, ensino religioso, geografia e outros componentes curriculares estão bem presentes nessa festa, logo é tarefa da escola fazer a interdisciplinaridade.

A riqueza da festa do Divino Espírito Santo reside exatamente na diversidade cultural nela presente. O tombamento da Casa das Minas pelo IPHAN significou a proteção das práticas religiosas, permanecendo como espaço de luta e resistência do povo negro. E esse terreiro hoje está sob a supervisão de um homem, que se configura como administrador e continua a realizar a festa do Divino e outros eventos da cultura popular maranhense, o que ao nosso ver representa uma forma de valorização e manutenção da cultura africana no Maranhão.

Por fim, ressaltamos que um dos grandes desafios da casa é manter viva a tradição do culto aos voduns africanos, já que os rituais eram conduzidos seguindo a hierarquia de parentesco e sua última matriarca faleceu em 2015. Desde então não houve iniciação de



novas vodunsis. Cabe, agora, à nova direção da Casa decidir como será o futuro dessa sociedade tão importante para a difusão da cultura maranhense e da religião de matriz africana no Brasil.

## Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassenegi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

CASA DAS MINAS. **Aspectos históricos**. Disponível em: <<http://casadasminas.blogspot.com/>>. Acesso em: 08 jan. 2020.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. A casa das minas de São Luís do Maranhão e a saga de Nã Agontimé. In: **Revista Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 387-429, mai/ago, 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sant/v9n2/2238-3875-sant-09-02-0387.pdf>>. Acesso em: 07 set 2019.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Ediouro, 1999.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (século XVII e início do século XVIII). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 52, dez/2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882006000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000200005)>. Acesso em: 09 jan. 2020.

CNBB. **Festas do Divino Espírito Santo celebram a religiosidade popular brasileira**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/festas-do-divino-espírito-santo-celebram-a-religiosidade-popular-brasileira/>>. Acesso em: 02 set. 2019.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Voyage pittoresque et historique au Brésil**. Tome Troisième. Paris: Firmin didot frères, 1839. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393054/icon393054.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon393054/icon393054.htm)>. Acesso em: 10 ago. 2019.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. O longo declínio da Casa das Minas do Maranhão: um caso de suicídio cultural. Trabalho apresentado na Mesa Religiões afro-brasileiras – trânsitos contemporâneos. In: **24ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, PUC, 02 a 05 de Julho de 2012. Disponível em: <<http://www.museuafro.ufma.br/arquivos/5e467aa1f2be08c8c4f0d4cf2190c346.pdf>>. Acesso: 08 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Sincretismo e religião na festa do divino. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 11, v. 18, n. 2, p. 105-122, ago. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23703/19359>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. Festa do Divino no Maranhão. In: **Catálogo da Exposição Divino Toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN/MEC, 2005, p. 9-29.

\_\_\_\_\_. Voduns da casa das minas. Trabalho apresentado na Mesa Redonda: O terreiro e a cidade: ritos, símbolos e intervenção do candomblé nos espaços urbanos brasileiros. In: **Ilê-Ifé 2000/3ª Edição UERJ**, Rio de Janeiro, 27 nov. 2000. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/8ssx>>. Acesso em: 08 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Festa do divino no tambor de mina**: estudo de ritos e símbolos na religião e na cultura popular. Trabalho apresentado na Sessão Temática: Les religions afro-américaines aujourd'hui: permanences et transformations. In: **XXV Conférence de la Société Internationale de Sociologie des Religions (SISR)**, Bélgica, Université Catholique de Leuven, 26-30 juillet 1999. Disponível em: <<https://repositorio.ufma.br/jspui/handle/1/295>>. Acesso em: 10 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Querebentã de Zomadônu**: etnografia da Casa das Minas. 2. ed. São Luís: EDUFMA, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 99-128, nov. 1980.

IPHAN. **Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, Goiás**. Coordenação: Yêda Barbosa. Brasília, DF: IPHAN, 2017. (Dossiê IPHAN: 17).

\_\_\_\_\_. **Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Paraty, Rio de Janeiro**. Coordenação: Ana Gita de Oliveira. Brasília, DF: IPHAN, 2010, 114 p. (Dossiê de Registro).

LEAL, João. Os encantados na festa do diviuno: estrutura e antiestrutura. In: **Revista Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 431-451, mai/ago, 2019. Disponível em: <[http://www.sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2019/07/revista-sociologia-antropologia\\_v09n02\\_COMPLETO.pdf](http://www.sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2019/07/revista-sociologia-antropologia_v09n02_COMPLETO.pdf)>. Acesso em: 07 set. 2019.

\_\_\_\_\_. A festa maior dos terreiros: divino e mina em São Luís (Maranhão). **Revista de Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 11, n. 21, p. 105-126, jan/jun, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/2871/2690>>. Acesso em: 11 set. 2019.

MONTELLLO, Josué. **Os tambores de São Luís**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.

MUSEU AFRODIGITAL. **Casa das Minas Jeje (Querebentã de Zomadonu)**. Disponível em: <<http://www.museuafro.ufma.br/site/index.php/casa-das-minas-jeje-querebenta-de-zomadonu/>>. Acesso em: 11 set. 2019.

JORNAL PACOTILHA. **Pedido justo**. São Luís, ano VII, n. 150, p. 3, 22 jun. 1887. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=168319\\_01&pagfis=7171](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=168319_01&pagfis=7171)>. Acesso em: 07 set 2019.

PEREIRA, Nunes. **A Casa das Minas: culto dos voduns jeje no Maranhão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. **A Casa das Minas: contribuição ao estudo das sobrevivências daomeianas no Brasil**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1947.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História: cultura e representação**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, jan./jun. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233/8240>>. Acesso em: 02 set. 2019.

PRANDI, Reginaldo. Candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 43-58, out/2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092001000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 set. 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ROCHA, Marcelle Schleinstein Achilles da. Caixeiras do divino: performance feminina e sua interrelação com o sagrado. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia**, v. 16, n. 1, p. 6-12, jun/2019. Disponível em: <<http://revistas.unama.br/index.php/asasadapalavra/article/viewFile/1379/pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história e ciências sociais**, Rio Grande do Sul, Ano 1, n. 1, p. 1-15, jul/2009. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

SANTOS, Pedro Braga dos. As funções do Divino: a festa do Divino Espírito Santo, em Alcântara, Maranhão. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 33, p. 191-197, dez./1990. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111227/109503>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. 2. ed. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1992.

VERGER, Pierre. Uma rainha Africana mãe de santo em São Luís. **Revista USP**, São Paulo, n. 6, p. 151-158, jun/jul/ago 1990. Disponível em:

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM TERREIRO DE CULTO DE MATRIZ AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA.  
RODRIGUES, EDVALDO COSTA.

<<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35735/38451>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

VIEIRA, Alberto. As festas do divino, das ilhas para o Brasil? Um caminho ainda por revelar. **Cadernos de divulgação do CEHA**: Projeto Memória-nona ilha/DRC/SRETC, Funchal, Portugal, n. 5, set. 2016. Disponível em: <<https://app.box.com/s/5vq1cgqdk8ovhb5j9xt25odrqt7nx0o>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do benim e a baía de todos os santos, dos séculos XVII a XIX**. Salvador: Editora Corrupio, 1987.

**Submetido em 18/09/2019**

**Aprovado em 20/03/2020**

Licença Creative Commons – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)